



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO CULTURAL

GRUPO EXPERIMENTAL DE CINEMA

Acervo Digital

Walter
da Silveira

17^o

ESPETÁCULO
DE
FILMES DE ARTE

5 de outubro de 1968 - 20,30 horas

SALÃO NOBRE DA REITORIA

"UM CHAPÉU DE PALHA DA ITÁLIA"

("UN CHAPEAU DE PAILLE D'ITALIE")

Ficha técnica

Realização	— René Clair
Argumento e roteiro	— René Clair, com base na comédia de Eugène Labiche e Marc Michel
Fotografia	— Maurice Desfassiaux e Roudakoff
Cenografia	— Lazare Meerson
Interpretação	— Albert Préjean (Fadinard), Olga Tchekova (Anaís de Beauperthuis), Marisa Maia (a noiva), Yvonneck (Nonancourt), Vital Geymond (o tenente).
Produção	— Albatros-Kamenka, 1927.

Uma das obras-primas definitivas do cinema, sempre situada entre os filmes mais importantes da história, *Um chapéu de palha da Itália* fez de René Clair um autor imortal, embora na sua filmografia ainda se encontrem *Sous les toits de Paris* (1930), *Le million* (1931), *A nous la liberté* (1931), *Le dernier milliardaire* (1934), *Le silence est d'or* (1947), *La beauté du diable* (1949), *Les grandes manoeuvres* (1955), *Porte des lilas* (1957). Se hoje René Clair pertence à *Académie Française*, se foi o primeiro cineasta do mundo a ser admitido por uma academia, nela entrou fundamentalmente como um homem de cinema, jamais por haver escrito romances e ensaios, sem grande importância diante de sua filmografia.

Originalmente uma peça de teatro, vinda daquele que fôra o maior autor de vaudevilles de qualquer época, Eugène Labiche, "*Un chapeau de paille d'Italie*" transformou-se numa extraordinária comédia cinematográfica. "Quis permanecer fiel ao espírito da obra (era o que importava), e não à sua forma concebida para o palco. Escrevi o roteiro como Labiche e Michel o teriam escrito se houvessem conhecido o cinema". A essa confissão, René Clair acrescentaria outra: "Eu filmei entre-atos". Sobre o tema da peça labicheana, ele preparou um roteiro de 600 quadros, em que os diálogos chistosos ou as canções passaram a ser gags visuais ou breves balés.

A própria ação foi transposta no tempo: em vez de 1851, como no original, 1895, quer dizer: em pleno fim de século, dentro da *belle époque*. E desse tempo René Clair fez uma paródia, uma caricatura, uma

sátira dos costumes e aos sentimentos ridículos e hipócritas. Num estilo de comédia quase coreográfica, com um incessante movimento do chamado filme-de-perseguição, no qual todos os personagens afinal tentam o encontro de "um chapéu de palha da Itália", que se torna o centro de toda a trama visual, das aventuras e desventuras de cada um, num ritmo crescente, quase paroxístico.

O cômico em Labiche já era, sem dúvida, um cômico de situações, determinado por uma série de enganos que desencadeavam outros, sucessivamente. Mas René Clair, além de suprimir personagens e mudar sua entrada na estória, repensou toda a intriga cinematograficamente. Assim, por exemplo, em vez do breve relato teatral, assiste-se a cena em que o cavalo de Fadinard come o chapéu de palha de Madame de Beauperthuis, acidente que irá determinar todas as sequências posteriores, como o próprio eixo da formidável corrida atrás de outro igual, convertido o chapéu no símbolo mesmo da honra e da fidelidade. O movimento, que estaria na base da peça, transforma-se na estrutura do filme.

A verve de René Clair não se exerce sobre seres imaginários, mas sobre personagens verossímeis da pequena burguesia de um período de transição. E essa verve, à base de observações, desperta o riso do espectador de 1968, como já o despertara o de quarenta anos atrás. Ainda uma vez, a comédia é um valor permanente do cinema, o riso é tão infinito como assinalava Henri Bergson, em "*Le rire*". Nada mais eterno do que o sentimento cômico do humano.

Acervo Digital

Walter da Silveira

**UMA PROGRAMAÇÃO
DO CINEMA UNIVERSITÁRIO**